

ARTIGO

A Bíblia e a História



JORGE DAHER
Médico

Talvez você nunca tenha ouvido falar de Constantin von Tischendorf mas certamente o pároco de sua igreja tenha estudado as descobertas desse alemão que em 1844 viajou em condições desfavoráveis até o lugar onde Deus teria sinalizado a Moisés com um arbusto ardente. No Mosteiro de Santa Catarina, o aventureiro alemão (em todos os sentidos que a palavra aventureiro sugere) recuperou de uma cesta de lixo, um pergaminho escrito em couro de cabras. Era a primeira edição da Bíblia, o chamado Códice de Constantino.

Uma pequena parte dessa obra ficou em mãos dos clérigos do Mosteiro, num segundo retorno, Tischendorf não teve acesso senão com os olhos, mas ele descreve que as lágrimas inundaram sua visão ao ler pequeno trecho de Jeremias. Seu poder de convencimento permitiu que o abade autorizasse que o professor levasse consigo uma cópia.

No século XIX, aventureiros, ou exploradores, como Tischendorf, tinham

suas viagens financiadas por nobres, Universidades, ou pessoas ricas. A realidade é que o Códice de Constantino foi espalhado pelo mundo, por vários países.

A Universidade de Leipzig anunciou recentemente grande projeto para recuperação e publicação dessa obra magna. Esse livro foi escrito entre os anos 330 e 350 de nossa era e contém escritos dos Evangelhos, de pelo menos 4 escribas. A fonte desses escribas nunca saberemos, mas certamente os Evangelhos já estavam organizados em 4 volumes, apesar da comprovada existência de pelo menos mais de duas dezenas de evangelhos gnósticos.

Todo o conjunto de escrituras que compõem a Bíblia, chamada pelos cristãos de Palavra de Deus, é uma seleção de textos que preservaram a tradição oral das loggia e contém elementos infiltrados por escribas e por co-autores. O profeta Isaías, cujo livro é a base da afirmação do Cristo como Messias, tem sua obra dividida, pelos estudiosos, em duas partes, sendo a segunda atribuída a um Pseudo-Isaías, provavelmente um seguidor do Mestre. O mesmo se dá com a obra de Paulo, cujas interferências nas cartas aos Romanos são bem conhecidas.

Harold Bloom, genial crítico literário, em brilhante estudo dos Apocalipses bíblicos, de Daniel e João, reconhece que o

Apocalipse de João de Patmos, que efetivamente não foi João o Apóstolo, é cópia inferior do texto de Daniel, esse sim, considerado brilhante pelo autor americano.

Desde o século XIX, com a publicação da obra de Renan, uma busca incessante pelo Jesus histórico tomou corpo. Hoje, amplamente financiada por Universidades, os grandes pesquisadores do Jesus históricos saem das igrejas protestantes; um grupo chamado The Jesus Seminars, tem como expoente Joan Dominique Crossan, hoje um dos autores sobre Jesus mais lidos e estudados em todo o planeta.

Ao devoto, não são necessárias as informações históricas, a fé se compõe de elementos que prescindem do rigor da pesquisa histórica. O Jesus Mítico tem seu encanto, tanto que marcou a civilização ocidental.

Diante de reações fundamentalistas cristãs, com pretensão de poder político sobre o Estado, conhecer a História bíblica é de extrema importância. Na América, o fundamentalismo cristão ganha corpo sobre as posições moderadas, aguçando a já existente e real discriminação aos valores cristãos. Saber perceber a própria fé, dirigindo-a longe do fanatismo e permitindo a percepção e tolerância do outro, é preservar os valores cristãos, é formar bases de esperanças para nossa sociedade.

ARTIGO

Mais uma espécie de ladrão

Mais uma espécie de criminoso aparece no Brasil: os "Navalhas", para ampliar nosso vocabulário, além de mensaleiros, sanguessugas, anões e tantos outros, mais um sinônimo para os proxenetas palacianos, os rufiões do poder. Nunca fui simpático à pena de morte por ter uma percepção que por trás de marginais que cometem crimes como homicídios estupros e tantos outros são vítimas de agressões sociais. Tenho repensado, e percebo que vagabundos fantasiados de pessoas decentes que cometem crimes contra a boa fé de milhões de brasileiros famintos de dignidade, devem ir para a cadeira elétrica.

Este sentimento é super dimensionado, por saber que a Pediatria do Hospital Araújo Jorge teve sua demanda dobrada nos últimos três anos, é referência no tratamento do câncer infanto-juvenil, atende toda a região norte e centro-oeste do país, não nega atendimento a quem quer que seja, e tem duplicado por recursos para construir mais um andar em suas instalações e com isso atender melhor os pequenos guerreiros, com a perspectiva de implantar uma UTI humanizada onde as mães podem acompanhar seus filhos no período de tratamento intensivo. Ou ainda, o Hospital do Câncer em Uberlândia-MG, do grupo Luta Pela Vida, que tem

uma estrutura belíssima para a pediatria com corredores largos, armários nas enfermarias, uma brinquedoteca maravilhosa, e pasmem, não funciona porque não há recursos liberados pelo Ministério da Saúde. É lógico que foi construído com recursos bem administrados, que foram doados pela sociedade, se fosse esperar os ladrões de sonhos, chamados políticos, nenhuma criança já teria sido curada.

Não sei o que pensar, nem o que fazer, talvez o de sempre. Esperar que depois do barulho, estejam todos soltos prontos para roubar mais e serem votados.

Valber Barreto de Queiroz

ARTIGO

Chico Buarque antecipou o flagra

Da conhecida *Homenagem ao Malandro*, de Chico Buarque:

“Mas o malandro para valer, não espalha,/ aposentou a navalha, tem mulher e filho e tralha e tal./ Dizem as más línguas que ele até trabalha,/ Mora lá longe e chacoalha, no trem da central”.

Se o antigo malandro aposentou a navalha, a Polícia Federal, não. E a ela recorreu para dar nome aos bois, usando-a para aplicar fundos cortes na corrupção.

Mas, bem entendido, recuperou apenas como metáfora o instrumento, já raro entre nós, substituído por outras lâminas de barbear e aparelhos elétricos. E desta vez a navalha estava, não na mão do bandido, mas na do mocinho.

Que bom seria se os profissionais da psicologia, da psicanálise, da psiquiatria e de disciplinas de domínio conexo jogassem luz para nós, leigos, sobre os fundos motivos, que os haverá, de a Polícia Federal dar este, e não outro nome, ao trabalho que levou à prisão a imensa quadrilha.

As sofisticadas formas de corrupção tornaram obsoleta até a palavra! Quadrilha veio do espanhol *cuadrilla*, provavelmente alteração do francês *quadrille*, com remotas raízes no latim *quadrivium*.

O *quadrivium* designava quatro ramos do saber (aritmética, geometria, música e astronomia), que, acrescidos do *trivium* (gramática, lógica e retórica), completavam as sete artes liberais ensinadas na universidade – como se sabe, uma instituição criada na Idade Média, falsamente denominada Idade das Trevas, quando na verdade preparou o Renascimento.

De todo modo, quadrilha passou a designar grupo de quatro itens (pessoas, estrofes, versos, passos de dança etc.), fixando-se na designação de organizações criminosas, há muito tempo compostas por mais de quatro elementos. Aliás, a palavra nasceu, não do número dos salteadores, mas das partes em que eram divididos os roubos ou furtos.

Reconheça-se, como óbvio, que a escolha do nome tem um *leitmotiv* que lhe serve de lastro. Será que o policial que escolheu navalha para identificar a operação, pensou na navalha de barbear, a mesma que o malandro antigo usava como arma? Ou terá sido inspirado pelo instrumento que, nas gráficas, corta o papel? Há também um capim com este nome, desdobrado em outros, de que é exemplo navalha-demaçaco. Sem contar que a poeta Alice Ruiz tem um belo poema intitulado “Navalha na Liga”:

“Valha navalha na liga/
Nada na barriga/ Valha na-

valha/ Não se escandalize, não/ Tudo isso a gente pensa/ Quando entra em transe/ Quando sai da crise”.

Não sabemos se a Operação Navalha nos tira de uma crise, principalmente ética – que, aliás, tem sido a mais devastadora –, ou nos conduz a outra, mas seria bom que as prisões ora efetuadas nos levassem a poder negar os antigos versos de Chico Buarque:

“Agora já não é normal,/ o que dá de malandro regular profissional,/ malandro com o aparato de malandro oficial,/ malandro candidato a malandro federal,/ malandro com retrato na coluna social,/ malandro com contrato, com gravata e capital,/ que nunca se dá mal”.

Nos versos iniciais, Chico diz que o projeto era “fazer um samba em homenagem à nata da malandragem”, e que foi à Lapa, conhecido bairro boêmio do Rio, mas perdeu a viagem, pois “aquela tal malandragem não existe mais”.

Aquela, não. Outras malandragens invadiram nossos costumes políticos. Há muito tempo! Mas, em nenhuma época, malandros federais terão sido tão ousados. Encontraram, porém, outros federais no caminho.

Resta uma pergunta incômoda: e se não fossem flagrados, aonde iriam parar?

Deonísio da Silva

ARTIGO

O papel da mídia nas decisões populares

Junto com a questão sobre a eficácia da democracia representativa, debatida por diferentes segmentos apesar de fora da agenda dos assuntos considerados pertinentes ao momento político, o desentendimento entre os deputados federais Clodovil Hernandes (PTC-SP) e Cida Diogo (PT-RJ) traz à discussão a influência dos meios de comunicação de massa nas decisões tomadas pela população.

Clodovil Hernandes foi eleito com 493.951 votos. Efetivamente, o povo não é bobo, mas há muito já deu para constatar que carece de repertório para se defender das armadilhas e agressões simbólicas e, assim, exercer a sua liberdade de escolha de forma mais consequente.

Assediado por um lugar-comum que não o representa, o povo que votou em Clodovil enxerga no discurso do estilista a transgressão àquela fala que, embora sedutora, não lhe diz respeito. Interessante paradoxo, na medida em que não há nada de original no conteúdo propagado pelo atual deputado, exceto o fato de dizer o que pensa com status de verdade, o que não é pouca coisa em tempos de incertezas. No programa em rede nacional que o popularizou, Clodovil tinha a “lente da verdade”, quando praticava a autenticidade em estado bruto sobre as histórias de sempre.

A rigor, Clodovil fala a mesma coisa que a mídia conservadora. O que difere é a utilização de uma sintaxe desorganizada e íntima que não passa pelo filtro do texto construído para ser servido socialmente. Seria um poeta; mas, mesmo se fosse o caso, nas repúblicas edificadas a partir de Platão não cabem poesias.

Clodovil disse à Cida que ela é feia quando soube que a deputada recolhia assinaturas pedindo sua retratação pelo que havia declarado sobre o comportamento das mulheres de hoje em dia. O deputado acusou as representantes do sexo feminino de estarem “trabalhando deitadas e descansando em pé”, criando mais uma frase feita, moralista, que agora passa a fazer parte da sua coleção que já contempla outras tantas de gosto igualmente duvidoso.

Ao adjetivá-la de “feia”, o nobre colega de Câmara teve por objetivo sincero deixar claro à deputada petista que o problema não a atingia porque só mulher bonita tem acesso aos jogos sexuais. Em resumo, não havia razão para se sentir ofendida.

Cida não resistiu a tamanha autenticidade. Sua resposta foi a impotência do choro. A deputada, que saiu das bases de Volta Redonda, a cidade fluminense que cresceu em torno dos operários da Companhia Siderúrgica Nacional, foi em prantos se queixar ao presidente da Mesa, Inocêncio de Oliveira. No revide, Clodovil citou Vinícius de Moraes – “que me perdoem as feias, mas beleza é fundamental” – e reafirmou sua lógica: “Se

ela fosse uma mulher linda, bonita, esplendorosa, podia vestir a carapuça. Mas não é, é evidente que é feia! Não sou obrigado a dizer que ela é bonita, meu Deus!”

Cida é roliça, de estatura mediana, pele clara, cabelos lisos e pode ser vista circulando nos ambientes políticos trajando o clássico conjuntinho calça-camiseta-camisinha longa de manga curta, tudo em tecido. Está longe de ser um galgo como Gisele Bündchen, ou uma jabuticaba, como Camilla Pitanga. A primeira, mulher brasileiro-européia, é representação da nossa condição de colonizado. A segunda, síntese dessa mistura genial que somos nós, trabalhadores de oito e de leite sempre de pé e cada vez descansando menos.

Por que Cida é feia? De que lugar se está afirmando isso? Qual é o modelo de beleza? Com quem se parecem os eleitores de Clodovil?

As indagações conduzem ao recém-lançado programa do deputado em um novo programa de televisão. Chama-se *Por excelência*, veiculado aos domingos, às 20h, na TVJB. É um espaço no qual o neófito representante político Clodovil pretende recolher assuntos de interesse público para colocar na pauta do Congresso. Iniciativa inteligente que, se bem pensada, poderia se tornar um meio de desfazer a trama do gosto que há muito vem tirando a estima da população.

Maria Luiza Franco Busse

GOVERNO



pedepla

JORNAL DO ESTADO DE GOIÁS

- Organização Independente de Comunicação Ltda

- Administração, Redação, Edição
Rua Conde Afonso Celso, nº 515
Setor Central
Fone: 3099-6100/3099-6114

- Impressão:
WAN Comunicação

Diretor-superintendente/comercial: Henrique Morgantini
(henriquemorgantini@gmail.com)

Editor chefe: Flavio Mobaroli (flaviojournalista@hotmail.com)

Editor Executivo: Marcos Vieira (marcosvieira77@yahoo.com)

Editor de Arte: Normando Pereira Barros (npbarros@hotmail.com)

Repórter fotográfico: Ismael Vieira (ismaelvieira@hotmail.com)

Gerente de projetos: Cecília Rodrigues (cecilia.comercial@gmail.com)